
Neoliberalismo, identidade e preconceito: discursos sobre o Nordeste nas eleições de 2018¹²

Amanda Rezende LOPES³

Laís Giupponi de Souza SILVA⁴

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O presente artigo se propõe a analisar comentários preconceituosos destinados aos nordestinos ao longo das eleições brasileiras de 2018, pensando as implicações culturais inerentes a esses discursos. Consideramos o neoliberalismo (BROWN, 2015; AVRITZER, 2016; SOUZA, 2017), os conceitos de preconceito moderno e contemporâneo (ALPORT, 1954; HASLAM, 2016; BOBBIO, 2004), de vítima (SANTOS; VAZ, 2015; VAZ, 2014) e de identidade cultural (HALL, 2006; WOODWARD, 2000) como os pilares para essa investigação. O objetivo é elucidar as relações de poder estabelecidas por meio de narrativas digitais. Para tal, selecionamos comentários em 10 notícias que abordam a região Nordeste no contexto das eleições, sobretudo em relação às intenções de votos. Fazemos uma análise discursiva de cunho foucaultiano, pautada na raridade discursiva, para entender que mecanismos de poder aparecem nesses comentários.

Palavras-Chave: comunicação; culturas urbanas; identidade cultural; Nordeste; preconceito.

Introdução

As últimas eleições para a presidência da república no Brasil, ocorridas em outubro de 2018, tornaram evidente a polarização política que já se mostrava presente no cenário brasileiro desde as manifestações de 2013. Uma disputa ideológica entre esquerda e direita evidenciou o conservadorismo que víamos crescer junto ao antipetismo nas eleições de 2014 (MESSENBURG, 2017). O histórico apoio dos estados do Nordeste aos candidatos do Partido dos Trabalhadores (PT), do espectro político da esquerda, colaborou para a associação da região com o chamado “petismo”. Nesse cenário, as críticas antipetistas vinculadas aos nordestinos, e associadas com preconceitos, tornaram-se cada vez mais comuns. Em 2018, no contexto de eleições, houve uma grande

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Autorizamos a avaliação e possível seleção deste artigo para publicação no e-book a ser organizado pelo GP Comunicação e Culturas Urbanas.

³ Mestranda do Curso de Comunicação e Cultura da ECO-UFRJ. Bolsista CAPES. E-mail: amandarezende@ufrj.br.

⁴ Mestranda do Curso de Comunicação e Cultura da ECO-UFRJ. Bolsista CAPES. E-mail: laisgiupponi@gmail.com.

circulação de comentários preconceituosos contra os nordestinos no espaço público, tanto por meio de enunciações realizadas de modo físico quanto através de narrativas digitais.

Em um diálogo interdisciplinar com aproximações entre comunicação e cultura, o objetivo desta pesquisa é compreender de que modo os mecanismos de dominação social e econômica se expressam, na forma de discursos estereotipados e preconceituosos contra os nordestinos, a fim de manter as relações de poder no estabelecimento de práticas comunicacionais e socioculturais determinadas. As imagens e os enunciados propagados, muitas vezes, reforçam estereótipos em suas representações sociais, contribuindo para a difusão do preconceito no espaço público.

Para tal análise proposta, faremos uma breve contextualização sobre o atual contexto político neoliberal (BROWN, 2015) e o uso da denúncia de corrupção como enfraquecedora da democracia (AVRITZER, 2016). Trabalharemos a perspectiva de como a narrativa histórica brasileira foi construída por um culturalismo racista, e tem suas reais origens na escravidão (SOUZA, 2016; 2017), e apresentaremos outros aspectos da escravidão que se mantêm presentes na nossa cultura, como os estereótipos da preguiça baiana (ZANLORENZI, 1999).

Em um segundo momento, apresentaremos uma discussão sobre o preconceito moderno e contemporâneo (ALPORT, 1954; HASLAM, 2016; BOBBIO, 2004), e sobre o conceito de vítima (SANTOS; VAZ, 2015; VAZ, 2014). Assim como uma narrativa sobre identidade cultural (WOODWARD, 2000; HALL, 2006) e, de forma mais específica, sobre a identidade nordestina (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011), compreendendo identidade e diferença na reafirmação das relações de poder. Em seguida, realizaremos a análise dos comentários recolhidos em notícias sobre o Nordeste nas eleições, sobretudo em relação à intenção de voto, a fim de verificar como são construídos os imaginários, as representações sociais, os estereótipos e as expressões de preconceito por meio dos discursos sobre os nordestinos na esfera pública digital. Para concluir, iremos evidenciar algumas considerações a respeito dos resultados obtidos.

O discurso da corrupção em tempos de neoliberalismo

O momento político atual, caracterizado pela agenda de políticas neoliberais, afeta diversos setores socioeconômicos, culturais e políticos da vida de cada indivíduo,

além de causar impactos consideráveis na produção das subjetividades contemporâneas. Embora vivamos em um mundo em que vários países possuem políticas pautadas no neoliberalismo, é inegável que cada país possui sua particularidade no modo em que esse processo político se desenvolve e afeta democracias (BROWN, 2015), o que torna necessária a abrangente compreensão do cenário nacional em paralelo com o internacional.

Caracterizado pelo fortalecimento econômico por meio do livre mercado pela concorrência, colocando o mercado como princípio de organização da racionalidade governamental, o neoliberalismo opera em diversos setores da vida cotidiana que vão desde a privatização de serviços e bens públicos, até a empresarização do sujeito que transforma todas as relações sociais e pessoais numa busca ininterrupta por lucro e benefícios, como explica Brown (2015). As formas pelas quais esse sistema busca se consolidar, principalmente no que tange seus ataques à democracia, é que marcará as diferenças entre os países. Uma das formas que tal processo ocorre, inclusive no Brasil, é pelo impasse na democracia gerado pelo discurso da corrupção e pela consequente desconfiança no Estado como instituição reguladora da economia. Segundo Avritzer (2016), o combate e a sensibilidade à corrupção como maior problema da política e da economia se fortalece como discurso dominante no final da década de 80 com a ascensão do neoliberalismo, e tem permanecido como discurso dominante no cenário político nos últimos anos, em casos como o Mensalão e a Lava Jato.

O discurso da corrupção funciona como legitimador do capitalismo, demonizando o Estado e sacralizando o mercado. Tal discurso é utilizado e aceito para a penetração legitimada do mercado em todas as esferas da vida. É nesse cenário que a classe média, por exemplo, encontra lugar para reivindicar seus direitos de classe frente a um Estado que é corrupto e não apto para gerir o capital. Conforme tais interesses neoliberais, a esfera econômica precisa ser livre de justificativa sobre a busca de lucros, pois estes são possíveis de serem buscados sem a necessidade de explicações. A busca individual e privada do lucro beneficia a todos. O individual gera a virtude coletiva (SOUZA, 2016).

Souza (2017) vai falar que a classe média brasileira, desde o século passado, é utilizada pelos ricos detentores do capital para servir aos interesses da elite. Como é uma classe que se pensa como superior aos de classe mais baixa, acredita fazer parte da alta sociedade. Tal ideia de soberania popular, que visa a manutenção dessas relações de

poder, vai buscar uma ordenação do poder político em prol do neoliberalismo. Essas lutas por privilégios para determinadas classes constroem preconceitos e sustentam as relações de dominação social e econômica.

A ideia de que o Brasil é um país naturalmente corrupto por sua origem, tem princípio, ainda segundo Souza (2017), num culturalismo racista pautado numa continuidade cultural e histórica com Portugal. De acordo com o autor, essa ideia não se sustenta porque a única instituição que abrangia o Brasil desde o início da ocupação portuguesa e permaneceu ao longo dos séculos seguintes era a escravidão. Todas essas relações de poder que permanecem até hoje no Brasil, mesmo que de forma inconsciente por seu enraizamento cultural, são frutos da escravidão e não das relações pessoais com os portugueses que autores como Sérgio Buarque de Holanda, Darcy Ribeiro e Roberto DaMatta tratariam como sendo característica do homem cordial e do “jeitinho brasileiro”. As heranças da escravidão na nossa cultura são diversas, caracterizada por sua perversidade e opressão, seu impacto ainda prevalece nas nossas relações pessoais e é constituinte da cultura brasileira contemporânea, estando longe de estar superada.

Um exemplo de efeito da escravidão que está implicitamente instaurado no imaginário social é a percepção dos baianos como preguiçosos. Zanlorenzi (1999) defende em sua pesquisa que não existe fundamento econômico para tal, já que os baianos trabalham tanto quanto qualquer outro habitante dos estados brasileiros. A associação da preguiça ao baiano teria caráter depreciativo e elogioso, tratando o estilo de vida preguiçoso e calmo como uma exclusividade da Bahia e um modo de ser que não é necessariamente positivo. Segundo Zanlorenzi, tal classificação pode ter relação com disputas de poder, tendo sido criada pela elite baiana para depreciar o modo de vida da classe mais baixa, em sua maioria composta por negros, reforçando assim os esquemas de poder oriundos da escravidão. O efeito dessas relações de poder, onde se encaixa um determinado grupo a um campo específico, tem o intuito de restringir a ação no social dos indivíduos e promover a exclusão e deslegitimação dos discursos dos sujeitos.

Por uma breve definição de preconceito

Allport (1954), em estudo fundamental sobre as dinâmicas do preconceito, definiu o termo como uma atitude negativa e hostil contra indivíduos pertencentes a grupos externos desvalorizados. O preconceito, com base nessa pertença, está relacionado com

a defesa de valores pessoais e com a recusa e exclusão de grupos distintos, por meio de atitudes envoltas de hostilidade, antipatia e generalizações. As generalizações simplificam as experiências humanas em categorizações e conduzem a manutenção de estereótipos, incentivados pelo desconhecimento da cultura do outro na aproximação social.

De acordo com Haslam (2016), o conceito de preconceito hoje engloba muito mais do que na década de 1950. Segundo ele, a definição como antipatia pode não ser mais suficiente. Por isso, o autor aponta noções diversas para a compreensão do termo, que vão desde a intolerância flagrante e explícita até uma forma de aversão simbólica, sutil e, muitas vezes, inconsciente. Na análise da ampliação do conceito, há também a pesquisa sobre microagressões, voltada para a necessidade da percepção do preconceito pelo próprio indivíduo para a sua identificação. Ou seja, se o sujeito percebe a evidência do preconceito, ele é considerado dessa forma. A definição recai sob o olhar do alvo.

Ao estudar o preconceito, Bobbio (2004) o define como uma ou mais opiniões recebidas sem criticidade pela tradição, pelo costume ou por uma autoridade que não se discute. É ressaltada a (falsa) convicção dos sujeitos de que detêm a verdade na elaboração da intolerância e do preconceito. Já Pereira, Torres e Almeida (2003) compreendem o termo como um produto das relações de poder entre grupos. As representações ideológicas geradas nessas relações são utilizadas como justificativas para processos discriminatórios e depreciativos contra membros de grupos minoritários. Em suma, o preconceito moderno seria o “resultado dos discursos ideológicos produzidos por grupos majoritários para justificar a sua situação social” (PEREIRA; TORRES; ALMEIDA, 2003, p.1).

Para Silva (2010, p.563), a noção de preconceito está vinculada à “inclusão de um indivíduo em uma categoria, perfilando, assim, uma identidade grupal hegemônica a partir da atribuição de um conjunto de características negativas, fixas e imutáveis ao grupo”. Assim, ele se estabelece com o auxílio do senso comum, por meio do qual são cristalizados os modos de pensar e sentir de determinados grupos sociais. Destarte, quanto mais a pessoa se identifica com as características atribuídas àquela coletividade, mais associada ela está àquela categoria, tornando-se igualmente vulnerável às ações discriminatórias direcionadas ao grupo.

A existência de diversos grupos de minorias desvalorizadas socialmente, em consonância com as definições propostas, possibilita a manutenção de variados tipos de preconceito. Ao compreender as minorias como grupos sociais marginalizados pelas

estruturas de poder e sistemas dominantes, é possível verificar múltiplos preconceitos, como contra os grupos minoritários na sociedade brasileira (LIMA; VALA, 2004). A própria ampliação do conceito, ao longo dos anos, outorga cada vez mais a autoidentificação das pessoas como vítimas de preconceito (VAZ, 2014).

Segundo Sarti (apud SANTOS; VAZ, 2015, p.5), “a violência aparece como um fenômeno difundido na sociedade contemporânea”, na qual o preconceito é percebido como um desses modos de violência. A noção de vítima, por sua vez, constitui uma forma socialmente inteligível de expressar o sofrimento associado à violência, legitimando e reconhecendo tal consternação. Para Nietzsche (apud SANTOS; VAZ, 2015), o sofrimento será explicado pelo indivíduo de duas formas: pela sua própria culpa, isto é, em razão de suas falhas morais, ou pela ação de outros que lhe querem mal. Na primeira delas, comum em sociedades religiosas e modernas, o sofrimento é entendido na ausência de controle ou de aceitação dos próprios desejos (VAZ, 2010). Na moralidade hegemônica vigente, as explicações para o sofrimento exigem a ação do outro.

Santos e Vaz (2015) elucidam que, no atual momento de relativismo moral, o lugar de responsabilidade sobre os sofrimentos experimentados pelo indivíduo passa a ser a ação do outro, ao passo que a vítima é inocentada em relação ao próprio penar. Faz-se necessário ressaltar, entretanto, que o fato de a legitimidade do sofrimento só poder ser afirmada ou negada por aqueles que o experimentaram implica na impossibilidade do seu debate público, uma vez que qualquer tentativa de diálogo será automaticamente recusada a partir do argumento de que apenas a vítima conhece o seu sofrimento. Nesta conjuntura, o desafio da vítima será, portanto, o de libertar-se do preconceito ao invés de ajustar-se a ele (VAZ, 2014). Os preconceituosos, ao limitarem os outros, representam figuras problemáticas. A vítima de preconceito, reconhecendo que o seu sofrimento tem como lugar de responsabilidade a sociedade e sua hegemonia, tem a possibilidade de recuperar a autoestima e, de certa forma, liberar-se (SANTOS; VAZ, 2015).

Identidade nordestina, estereótipos e preconceito

“Os sistemas simbólicos fornecem novas formas de se dar à experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados. As identidades são contestadas” (WOODWARD, 2000, p.19). A identi-

dade e a diferença são produzidas ativamente de forma cultural e social. São os indivíduos que constroem essas noções em suas relações. A identidade e a diferença são, portanto, resultantes dos atos de criação linguística, ou seja, são elaboradas por meio da linguagem. Além da estreita relação de dependência, a identidade e a marcação da diferença também implicam na inclusão e exclusão para a demarcação de fronteiras ou distinções, reafirmando as relações de poder. Onde há diferenciação, processo em que a identidade e a diferença são produzidas, há poder (WOODWARD, 2000).

No que se refere à identidade nacional, ocorre a homogeneização e a unificação de elementos diversos como se fossem parte de uma natureza essencial, porém ela também é formada nas dinâmicas das representações. Com a globalização, houve um deslocamento desse entendimento para a centralização de identidades locais e regionais, assim como para a possibilidade do hibridismo cultural (HALL, 2006). É fato que a origem da nacionalidade, ao longo dos anos, foi buscada na história de cada região. E cada uma delas foi e é formada por um conjunto de produções imagéticas e enunciativas em torno desse espaço. O Nordeste, objeto central no estudo deste trabalho, é uma invenção recente na história brasileira. Ainda na modernidade, tornou-se uma identidade racial, econômica, social e cultural (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

Albuquerque Júnior (2011) propõe o final da década de 1910 como data de “surgimento” da região de acordo com o que conhecemos hoje. A produção desse local e de seus habitantes apresenta origens para além das perspectivas econômicas e políticas. Ao contrário, engloba aspectos históricos, sociais e afetivos elaborados ao longo de vários anos. Ela é formada por meio de diversos discursos que estabeleceram relações com características e atributos específicos, sendo eles físicos, morais, culturais, simbólicos, etc. Assim, o Nordeste está relacionado com o clima quente, com a sexualidade em excesso, com o carnaval e com o povo melancólico, preguiçoso e improdutivo. Os discursos produzidos e mantidos na sociedade deram visibilidade e definiram a identidade cultural da região desta forma, vinculando a ideia de atraso com a população de uma terra considerada sofrida por conta de suas difíceis condições climáticas e geográficas.

A região não é apenas formada por aspectos naturais, políticos e econômicos, mas também por construções imagético-discursivas. Há uma questão subjetiva, que não é natural ou essencial. Os sujeitos nordestinos se “nordestinizam” e são “nordestinizados”, são subjetivados enquanto nordestinos a partir de referências sociais estabelecidas. Assim, é formada a ideia de Nordeste como uma materialidade, uma identidade e uma

homogeneidade. E como há sempre uma distinção, é aplicada uma dicotomia binária oposta ao Sudeste, em consonância com as produções imagéticas e textuais nas dinâmicas de disputa de poder. Através desse binarismo, as regiões e seus povos são separados por elementos como trabalhadores/improdutivos, atraso/progresso, pobreza/riqueza (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

No entanto, “O Nordeste, na verdade, está em toda parte desta região, do país, e em lugar nenhum, porque ele é uma cristalização de estereótipos que são subjetivados como características do ser nordestino e do Nordeste” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.343). A regularidade de certos elementos que se repetem em discursos sobre o Nordeste promove a manutenção do processo de preconceito e estereotipagem da região e de seu povo. Conforme explicita Cavalcanti (1993, p.26), ainda na década de 1990:

O uso de expressões como "pau-de-arara" e "cabeça-chata" para caracterização de nordestinos, mesmo aqueles mais afluentes ou de nível de educação mais alto; a referência a expressões como "bichinho" (pronunciadas "cantando", em grotesca imitação do sotaque ou dos sotaques do Nordeste); a alusão a um estereótipo do homem do Nordeste como um indivíduo que está sempre portando uma peixeira, etc. - tudo isso indica a natureza de uma atitude viciada, preconceituosa e reveladora de menosprezo dos habitantes das áreas mais ricas do Brasil relativamente às mais empobrecidas.

Contudo, não existe um modo único de ser nordestino. Um dos perigos do discurso identitário é o de reduzir o histórico a poucos elementos entendidos como naturais, além da reprodução constante de estereótipos. Os estereótipos negativos atribuídos aos nordestinos são cada vez mais frequentes na sociedade e na mídia, o que contribui para uma visão de inferioridade em relação às demais regiões (BATISTA, 2014).

Os estereótipos colaboram para a imposição de um sentido na estrutura social e estão baseados na ausência de flexibilidade, em favor da manutenção das relações de poder e das desigualdades (FREIRE FILHO, 2005). Para Barthes (apud FREIRE FILHO, 2005), os estereótipos reduzem as diversas características de um grupo social e evidenciam poucos elementos essenciais, como indumentária e traços de personalidade, supostamente fixos pela natureza. Dessa forma, eles são aplicados na estrutura do discurso de senso comum através do efeito de verdade e previsibilidade. Ademais, a estereotipagem utiliza uma estratégia de “cisão”, separando o “normal” do “anormal” e excluindo o que é considerado diferente. A estereotipagem essencializa, naturaliza e “fixa” a diferença, em prol da manutenção da ordem social e simbólica (HALL, 2016). É utili-

zada pelos produtores de informação para gerir e organizar discursos sobre o mundo social (JOST; HAMILTON, 2005).

Discursos de preconceito contra nordestinos nas eleições de 2018

Nas eleições de 2014, houve a reeleição presidencial do Partido dos Trabalhadores (PT), com o espectro político de esquerda. Em uma disputa acirrada, a ex-presidente Dilma Rousseff venceu em todos os estados do Nordeste. Diante desse fato, foram divulgados diversos comentários na mídia e nas redes sociais com ofensas e exposições de preconceitos contra os nordestinos⁵. Assim como em 2014, as eleições de 2018 também geraram discursos violentos⁶. A presente pesquisa busca analisar os comentários de leitores em notícias que abordaram o Nordeste nas últimas eleições, sobretudo em relação às intenções de votos, a fim de examinar os preconceitos e estereótipos vinculados à região e aos nordestinos nesse contexto. O recorte temporal selecionado foi entre o primeiro e o segundo turno (de 7 a 28 de outubro de 2018), visto que as matérias veiculadas nesse período apresentavam votos favoráveis ao Partido dos Trabalhadores (PT) no Nordeste.

A conjuntura política neoliberal, pautada em indivíduos que precisam gerir seus próprios interesses acima do coletivo, faz despertar disputas de poder pela representação política que se guiam não só pelos interesses econômicos, mas também ideológicos (SOUZA, 2017). Os discursos recolhidos ao longo da pesquisa representam os mecanismos usados para tornar um grupo segregado e invalidar seus discursos e reivindicações.

Ao analisar os comentários de 10 notícias de portais on-line e selecionar os discursos que envolviam a temática pesquisada, foi possível verificar o reforço do nordestino como identidade e categoria única, apesar da multiplicidade existente em seus diferentes estados (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). Além disso, foi perceptível que os enunciados apresentam temas comuns para a manifestação do preconceito. Um deles é a questão da classe social, com a afirmação de que os nordestinos são destaques no que se refere à pobreza e miséria. Nesse sentido, é vinculada também a ideia de que o nordesti-

⁵Brasil 247. Após reeleição, nordestinos são alvo de preconceito. 27/10/2014. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/midia/apos-reeleicao-nordestinos-sao-alvo-de-preconceito>>. Acesso em: 20/06/2019.

⁶O POVO. Nordestinos são alvo de preconceito após resultado do 1º turno das eleições; prática é crime. 08/10/2018. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2018/10/nordestinos-sao-alvo-de-preconceito-apos-fim-do-1-turno-das-eleicoes.html>>. Acesso em: 20/06/2019.

no troca o seu voto por esmolas, como pode ser visto em: “Como sempre o nordestino aceitando esmola e afundando o país”⁷.

Aliado a isso, estão os pensamentos de que o Nordeste é responsável por “afundar o país”, como expresso em “ERRAR É HUMANO, MAS INSISTIR NO ERRO É BURRICE (...) NORDESTE SENDO A ESCÓRIA DO PAÍS, LAMENTÁVEL!!!”⁸ ou mais resumidamente em “o nordeste é o carma do Brasil”⁹. Diante de uma matéria veiculada sobre a fala do candidato à presidência pelo PT de que o Nordeste é uma locomotiva para o desenvolvimento do país¹⁰, os seguintes comentários foram formulados: “Nordeste não é a locomotiva, é a âncora que faz o país não sair do lugar elegendo pevistas...” e “Nordeste é a âncora que empaca o desenvolvimento do país. (...). E tudo isso por uma esmola que chama-se bolsa família”. Nas disputas de poder, os povos são separados por meio do binarismo atraso/progresso (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

Ainda em relação à pobreza submetida ao Nordeste, o programa social do governo Bolsa Família (voltado à garantia de serviços essenciais para famílias de baixa renda) é amplamente citado para criticar a postura política do povo nordestino. O pensamento de que o nordestino vive às custas de bolsas governamentais e dinheiro “fácil” da União Federal, configurando um status de “peso morto”, e a afirmação de que “... o Nordeste morre de medo de perder o bolsa miséria! e que muitas vezes é usado por quem nem precisa do benefício! Safadeza!!!”¹¹ são alguns exemplos dessa temática. As expressões “bolsa miséria” e “bolsa esmola” são frequentemente utilizadas, assim como a distinção em relação às outras regiões através do binarismo pobreza/riqueza (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

Um outro ponto bastante mencionado nos comentários é a escolaridade na relação com a politização dos nordestinos, compreendida pelos emissores como insuficiente

⁷G1. No Nordeste, Haddad faz proposta para Bolsa Família e gás de cozinha. 21/10/2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ma/maranhao/eleicoes/2018/noticia/2018/10/21/no-nordeste-haddad-faz-proposta-para-o-bolsa-familia-e-gas-de-cozinha.ghtml>>. Acesso em: 10/06/2019.

⁸G1. Haddad faz campanha no Ceará durante primeira visita ao Nordeste no segundo turno. 20/10/2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/eleicoes/2018/noticia/2018/10/20/haddad-faz-campanha-no-ceara-durante-primeira-visita-ao-nordeste-no-segundo-turno.ghtml>>. Acesso em: 10/06/2019.

⁹G1. No Nordeste, Haddad faz proposta para Bolsa Família e gás de cozinha. 21/10/2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ma/maranhao/eleicoes/2018/noticia/2018/10/21/no-nordeste-haddad-faz-proposta-para-o-bolsa-familia-e-gas-de-cozinha.ghtml>>. Acesso em: 10/06/2019.

¹⁰Terra. Haddad: Nordeste é locomotiva para o desenvolvimento do país. 20/10/2018. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/eleicoes/haddad-nordeste-e-locomotiva-para-o-desenvolvimento-do-pais,3a3d053f5a65ca37ded30d407ab526be0n7d4px4.html>>. Acesso em: 10/06/2019.

¹¹SILVA, Y. Na reta final, Haddad vai intensificar campanha no Nordeste. Terra. 24/10/2018. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/eleicoes/como-no-primeiro-turno-haddad-vai-encerrar-campanha-no-nordeste,3ae11d8face09961e0d4a81e3cc627bb2dprlsh.html>>. Acesso em: 10/06/2019.

e inferior, com o viés de atraso. Nas enunciações analisadas, a ausência de alfabetização foi constantemente citada no sentido de classificar o Nordeste como uma região ignorante, burra e/ou sem oportunidades de aprendizado e, portanto, que não sabe fazer escolhas políticas. Como pode ser observado, por exemplo, em “Isto é uma prova viva, que o ANALFABETISMO e a IGNORÂNCIA, predominam no NORDESTE brasileira. O próximo presidente, seja lá quem for, tem que mudar esta anomalia nacional”¹². Dessa forma, são agregados conceitos negativos ao grupo minoritário (SILVA, 2010).

Muitas mensagens vão ao encontro da ideia de que o nordestino, seja por questões de ausência de escolaridade ou por ignorância, não tem noção da realidade política do país. Há diversos comentários que pedem para o povo nordestino “acordar”, para que ele possa ser liberto da miséria e sofrimento em que se encontra, como em: “Nordeste liberta-te do teu algoz! Vem conosco rumo ao desenvolvimento socioeconômico de verdade”¹³. A temática da migração nordestina para outras regiões, sobretudo Sul e Sudeste, também é bastante presente, assim como a discussão sobre a separação do Nordeste do restante do país. Um exemplo disso é a afirmação: “Povo ignorante do nordeste! Volta neles depois corre pra SP e vem empestear nossa cidade”¹⁴. Conforme explicita Woodward (2000), a diferenciação implica na exclusão para a reafirmação das relações de poder.

Há também as publicações realizadas para expressar um descontentamento através de enunciados violentos, sem elaborações mais complexas, contendo intolerâncias flagrantes (HALSAM, 2016). São exemplos: “O Nordeste é um curral”¹⁵ e “Esses nordestinos da cabeça amassada são a vergonha do Brasil...”¹⁶. O estereótipo do nordestino improdutivo também é apresentado, no sentido de relacioná-los com preguiça e ausência de contribuição para o país. As regiões brasileiras são diferenciadas através da dicotomia entre as concepções de trabalhadores e improdutivos (ALBUQUERQUE JÚNIOR,

¹²G1. Ibope para presidente, votos válidos: Bolsonaro, 59%; Haddad, 41%. 15/10/2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/15/ibope-para-presidente-votos-validos-bolsonaro-59-haddad-41.ghtml>>. Acesso em: 10/06/2019.

¹³G1. No Nordeste, Haddad faz proposta para Bolsa Família e gás de cozinha. 21/10/2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ma/maranhao/eleicoes/2018/noticia/2018/10/21/no-nordeste-haddad-faz-proposta-para-o-bolsa-familia-e-gas-de-cozinha.ghtml>>. Acesso em: 10/06/2019.

¹⁴Idem, ibidem.

¹⁵G1. Pesquisa Ibope de 23 de outubro para presidente por sexo, idade, escolaridade, renda, região, religião e cor. 24/10/2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/24/pesquisa-ibope-de-23-de-outubro-para-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-regiao-religiao-e-cor.ghtml>>. Acesso em: 10/06/2019.

¹⁶G1. Ibope para presidente, votos válidos: Bolsonaro, 59%; Haddad, 41%. 15/10/2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/15/ibope-para-presidente-votos-validos-bolsonaro-59-haddad-41.ghtml>>. Acesso em: 10/06/2019.

2011), como na afirmação: “Nordestinos vão ter que aprender a entrar no ritmo do Brasil, não vão mais ficar o dia todo sentado debaixo de uma sombra recebendo bolsa escola”¹⁷.

Outro fenômeno que pôde ser notado por meio dos comentários foi a configuração da posição de vítima do nordestino. Nessa releitura, ele passa de “trouxa” e “burro” para “enganado” e “coitado” diante do grande inimigo da nação: o PT. Há, então, uma visão de que a ingenuidade faz com que eles acreditem em falsas promessas políticas, se contentando com os programas sociais e vivendo na miséria. São percebidos comentários como “O nordeste é vítima, não é culpado. Sempre estivemos escravizados por uma peste vermelha...”¹⁸ e “E só o que petista sabe fazer, ir ao nordeste enrolar o povo mais umilde do nosso país”¹⁹. Essa dinâmica também perpassa pelo preconceito, na medida em que a ampliação do conceito (HASLAM, 2016) compreende enunciados supostamente positivos que legitimam estereótipos e relações de inferioridade e superioridade.

Logo, o sofrimento do povo nordestino é justificado de acordo com duas principais visões para os emissores desses discursos: pela sua própria culpa, devido à ignorância e escolhas errôneas; e pela ação do outro, visto que os governantes os enganam e não contribuem para seu desenvolvimento (SANTOS; VAZ, 2015). Nesse contexto, há a percepção de que as pessoas de outras regiões do país precisam salvá-los da miséria, já que a ingenuidade do povo seria um problema no processo político e democrático. São exemplos dessa situação: “é questão de honra que o Brasil liberte o nordeste dos coronéis e da esquerda que lucram com a miséria deles”²⁰ e “Precisamos salvar os nordestinos, especialmente os do interior, liberta-los das garras dos esquerdistas, é nosso desafio!!!”²¹.

¹⁷G1. Pesquisas Ibope para presidente nos estados: veja a intenção de voto no 2º turno. 20/10/2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/20/pesquisas-ibope-para-presidente-nos-estados-veja-a-intencao-de-voto-no-2o-turno-19-09.ghtml>>. Acesso em: 10/06/2019.

¹⁸G1. Datafolha para presidente, votos válidos: Bolsonaro, 58%; Haddad, 42%. 10/10/2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/10/datafolha-para-presidente-votos-validos-bolsonaro-58-haddad-42.ghtml>>. Acesso em: 10/06/2019.

¹⁹SILVA, Y. Na reta final, Haddad vai intensificar campanha no Nordeste. Terra. 24/10/2018. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/eleicoes/como-no-primeiro-turno-haddad-vai-encerrar-campanha-no-nordeste,3ae11d8face09961e0d4a81e3cc627bb2dprlhsh.html>>. Acesso em: 10/06/2019.

²⁰G1. Pesquisa Ibope de 23 de outubro para presidente por sexo, idade, escolaridade, renda, região, religião e cor. 24/10/2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/24/pesquisa-ibope-de-23-de-outubro-para-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-regiao-religiao-e-cor.ghtml>>. Acesso em: 10/06/2019.

²¹G1. Pesquisas Ibope para presidente nos estados: veja a intenção de voto no 2º turno. 20/10/2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/20/pesquisas-ibope-para-presidente-nos-estados-veja-a-intencao-de-voto-no-2o-turno-19-09.ghtml>>. Acesso em: 10/06/2019.

Os estereótipos relacionados ao Nordeste surgiram em conjunto com o reconhecimento do próprio espaço físico da região, no processo de criação da ideia dessa identidade específica. Ao longo dos anos, as imagens negativas tornaram-se consagradas no meio social e cultural. De forma pejorativa, o local é visto como sinônimo de atraso, rural e passado, sobretudo em contraposição às valorizadas regiões Sudeste e Sul como lugares de progresso, razão e futuro. O processo de vinculação a estereótipos tem uma dimensão produtiva e concreta, visto que utiliza um discurso repetitivo, assertivo e até arrogante, que acredita em seu direito de definir o outro com poucos elementos em uma noção de realidade. Há uma atitude grosseira e indiscriminada que reduz as multiplicidades e diferenças individuais de um grupo em prol de semelhanças superficiais. Dessa forma, imagens e enunciados veiculados sobre o Nordeste e os nordestinos são constatados ao longo de toda história brasileira e, muitos deles, são mantidos até os dias atuais.

As manifestações comunicacionais reveladas demonstram conexões entre imagens e imaginários relacionados à essa região. Os diferentes discursos, produzidos em diferentes épocas e com diferentes formas, se repetem com regularidade na tentativa de definir a região e seu povo como marginais. As dinâmicas verificadas entre a reação da população brasileira, diante das eleições presidenciais, sobre o Nordeste reforçam a ideia de que a região existe no encontro do poder e da linguagem (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). Conforme afirma Albuquerque Júnior (2011, pág.31): “O próprio Nordeste e os nordestinos são invenções destas determinadas relações de poder e do saber a elas correspondente”. Ao mesmo tempo em que o Nordeste foi inventado, o povo nordestino foi se inventando e sendo inventado como sujeito, em uma hierarquia de saberes e espaços – a qual pode ser percebida ainda na atualidade, incluindo os debates nos espaços físicos e digitais.

Considerações finais

Partindo da polarização que imperou na última eleição, revelando uma guerra ideológica entre a esquerda e a direita políticas, determinados comportamentos dos grupos conservadores que pregam a segregação e autoritarismo vieram à tona, e muitas vezes em tom de discursos preconceituosos. A análise dessas enunciações direcionadas aos nordestinos aparece como fundamental para se pensar a consequência dessa polarização política nas subjetividades contemporâneas e os preconceitos enraizados cultu-

ralmente no imaginário social brasileiro. As relações comunicacionais presentes nos ambientes virtuais, assim como nos espaços urbanos, reforçam representações sociais estereotipadas e contribuem para a manutenção de uma ordem social pautada em uma construção hierárquica. Há uma dinâmica de diferença em relação ao Nordeste exposta nas plataformas digitais, estabelecida desde as primeiras definições de cidades e estados no cenário urbano.

Tendo como base a investigação entre os processos e práticas comunicacionais na relação com a política e com as dinâmicas socioculturais, a análise permitiu mostrar dimensões compassivas com o nordestino, tratando-o como vítima ingênua do antigo governo, assim como dimensões de rancor por afundar o país ao votar em candidatos da esquerda e por se aproveitar financeiramente dos programas de auxílio financeiro oferecidos pelo governo. Apareceram ainda comentários em que imperavam ideais de uma soberania intelectual, onde o nordestino é visto como inferior, além de preguiçoso e improdutivo. São essas concepções que mantêm em vigência as relações de poder pautadas na dominância social dos grupos que apresentam interesses na exclusão e desvalorização de outros para que seus interesses prevaleçam.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALLPORT, G. W. **The nature of prejudice**. Cambridge: Addison-Wesley, 1954.

AVRITZER, L. **Impasses da democracia no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BATISTA, J. R. M. **Os estereótipos e o efeito do contato virtual no preconceito contra negros e nordestinos**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, 245p., 2014.

BOBBIO, N. **A era dos direitos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BROWN, W. **Undoing the Demos: Neoliberalism's Stealth Revolution**. Nova Iorque: Zone Books, 2015.

CAVALCANTI, C. País e região: desigualdades e preconceitos regionais no Brasil. **Cadernos de Estudos Sociais**, Recife, v. 9, n. 1, p. 25-40, jan/jun, 1993.

FREIRE FILHO, J. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 28, p. 18-29, 2005.

-
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- _____. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri/PUC-Rio, 2016.
- HASLAM, N. Concept Creep: Psychology's Expanding Concepts of Harm and Pathology. **Psychological Inquiry**, Abingdon, v. 17, n. 1, p. 1-17, jan/mar, 2016.
- JOST, J. T.; HAMILTON, D. L. **Stereotypes in Our Culture**. In: DOVIDIO, J. F.; GLICK, P.; RUDMAN, L. A. (orgs). *On The Nature of Prejudice: Fifty Years After Allport*. Malden: Blackwell Publishing, 2005.
- LIMA, M. E. O.; VALA, J. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n. 3, p. 401-411, 2004.
- MESSENBURG, D. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Revista Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, set/dez 2017.
- PEREIRA, C.; TORRES, A. R. R.; ALMEIDA, S. T. Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 95-107, 2003.
- SANTOS, A. S.; VAZ, P. A Generalização da Vítima de Preconceito e a Construção de Narrativas de Sofrimento. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, 2015. **Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro: Intercom, 2015.
- SILVA, S. G. da. Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 30, n. 3, p. 556-571, 2010.
- SOUZA, J. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.
- _____. **A Radiografia do Golpe**. Entenda como e por que você foi enganado. Rio de Janeiro: Leya, 2016.
- VAZ, P. A vida feliz das vítimas. In: FREIRE FILHO, J. (Org.). **Ser Feliz Hoje**: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: FGV, p. 135-164, 2010.
- _____. Na distância do preconceituoso: narrativas de bullying por celebridades e a subjetividade contemporânea. **Galáxia**, São Paulo, n. 28, p. 32-44, dez. 2014.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da. (Org.). **Identidade e diferença** - A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, p. 7-72, 2000.
- ZANLORENZI, E. A Banalização da Preguiça. In: XXII INTERCOM, 1999, Rio de Janeiro. **Anais do XXII INTERCOM**, 1999.